

ubianas

Tese de doutoramento em Medicina defendida na UBI O primeiro passo de muitos outros

Foi o primeiro "de muitos outros" doutoramentos em Medicina a ser defendido na UBI. Um estudo sobre uma infecção registada no território português marcou o início de mais uma etapa na consolidação da Faculdade de Medicina.

Eduardo Alves

Uma infecção registada com alguma frequência no território nacional foi o objecto de estudo da primeira tese de doutoramento em Medicina apresentada na UBI. Durante dois dias, Isabel Cristina de Albuquerque Epifânio da Franca prestou provas no sentido de defender este seu estudo.

Uma temática pouco abordada na Medicina portuguesa "e até estrangeira, pelo menos da forma diversificada como agora foi encarada", adianta a autora da tese. Este estudo "foi baseado em alguns outros já realizados", mas que olhavam esta temática "de forma bastante restrita, quer em termos geográficos, quer até em termos de tratamento clínico", sublinha Isabel Franca.

"Infecção por Espiroquetóides do Complexo Borrelia Burgdorferi em Portugal - Perspectiva Dermatológica e Implicação da Espécie Borrelia lusitanae" é o título da primeira tese de doutoramento em Medicina a ser defendida na UBI. Facto que mereceu destaque por parte de João Queiroz, membro do júri e também presidente da Faculdade de Medicina. Para este responsável, "deve-se enca-



Isabel Franca é a primeira doutorada em Medicina pela UBI

rar esta prova como a primeira de muitas outras e também como mais um passo dado na concretização da Faculdade".

A tese foi aprovada por um júri composto por António Poiães Baptista, professor catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, José Manuel Calheiros, professor catedrático da UBI, João Queiroz, professor catedrático da UBI,

Jorge Pinto, professor associado da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, Manuel Gomes, professor auxiliar da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Jorge Marques de Atouguia, professor auxiliar do Instituto de Higiene e Medicina Tropical da Universidade Nova de Lisboa e Luís Manuel Taborda Barata, professor auxiliar da UBI.

Provas de Agregação Camões como símbolo da nação

Camões e a identidade portuguesa foram as principais temáticas abordadas nas provas de agregação realizadas na UBI.

Eduardo Alves

Estudar conceitos como portugalidade, nação e figura de Estado foi um dos objectivos das provas de agregação apresentadas por António dos Santos Pereira, docente do Departamento de Artes e Letras da UBI.

A figura central da lição apresentada no último dia de provas foi Luís Vaz de Camões. O docente que obteve agora o grau de agregado falou "num Camões histórico mas também num Camões como mito que serve vários desideratos das gerações do século XIX. Numa lição de síntese intitulada "Camões e a identidade nacional em Oitocentos: Os Lusíadas, epítáfio, estandarte ou essência da portugalidade", apreciaram-se os trabalhos de grande monta da década de 70 deste período. Nomes como os de Ramalho Ortigão, Oliveira Martins e Teófilo Braga foram sublinhados nos dois dias. Segundo o docente da UBI, os trabalhos destes escritores em torno da figura camoniana serviram para "a construção da portugalidade". No entender de Santos Pereira "hoje Camões beneficia



Camões foi o tema central destas Provas de Agregação

largamente de uma boa imagem. Creio que em todas as casas portuguesas há uma edição dos Lusíadas, e, provavelmente não há uma Bíblia". O docente defende por isso que "Camões é a figura nacional".

Para além desta lição, houve também a apreciação do *curriculum vitae* e apreciação do relatório para a disciplina de "História da Cultura Portuguesa II". O júri das provas foi constituído por João Malaca Caste-

leiro, professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Humberto Moreno, professor catedrático aposentado da Universidade do Porto, António Pires, professor catedrático da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, José Carlos Venâncio, professor catedrático da UBI e António Carreteiro Fidalgo, professor catedrático da UBI.

Conferências de Filosofia Narrativa na educação cívica

A Narrativa e Educação Cívica foi o tema de uma palestra apresentada pelos docentes da UBI, Maria Luísa Branco e Paulo Osório e que teve como objectivo principal marcar a importância de "uma boa história, ou aquilo que pode ser induzido a partir dela, para a educação cívica". Curiosamente, como realçou Paulo Osório, referindo-se ao Ensino Secundário, "numa disciplina tão importante para a educação cívica como a de Língua Portuguesa, o peso dado à literatura e às narrativas nos programas e manuais escolares é cada vez menor". Para Maria Luísa Branco, é estranho que nos manuais actuais de Educação Cívica, do Ensino Básico, se verifique a quase ausência do uso de narrativas. Para a docente e investigadora do Instituto de Filosofia Prática é de lamentar em especial o não recurso às narrativas literárias.

Esta actividade, promovida pelo IFP, culminou com um debate entre os participantes. Da troca de

opiniões, resultou a ideia de que "as pessoas devem ser sensibilizadas, desde tenra idade, para a leitura de obras clássicas ou de outras narrativas consideradas interessantes, dada a mais-valia desta leitura para a formação da imaginação moral, pela abertura que proporciona a pontos de vista diversos e às diferentes possibilidades humanas, aspecto essencial para uma correcta educação cívica".

Luísa Branco vai mais longe ao considerar que é importante recuperar as potencialidades da narrativa na educação cívica, mas não basta que esta seja feita apenas no espaço de uma área curricular não-disciplinar, como propõe a actual reorganização do ensino básico. Todos os professores devem encarar a educação cívica como tarefa, independentemente da disciplina que leccionam. Para esta docente, "a escola deve tornar-se um espaço privilegiado de educação para a cidadania".
E.A.



A narrativa foi objecto de análise neste encontro

Apresentação de livro Psicologia lança obra

Susana Gomes

A reunião científica "Actividade cerebral: Aspectos laboratoriais, clínicos e forenses", que teve lugar no pólo IV da UBI, foi o mote para o lançamento do primeiro volume da colecção "Psicologia e Educação", intitulado "Métodos e técnicas laboratoriais em psicofisiologia". O seu organizador foi Carlos Fernandes da Silva, professor catedrático da Universidade de Aveiro, mas a obra conta também com autores da UBI.

O prefácio ficou a cargo de Manuel Loureiro, docente da UBI e director do curso de Psicologia. O docente afirma que o lançamento do livro "é um trabalho que resulta da colaboração", e que "apraz registar o lançamento de uma linha editorial, num departamento onde as condições científicas já o justificam". Acrescenta ainda que "este livro proporciona informação básica, de uma forma acessível, acerca de aspectos essenciais".

Após a apresentação do livro, seguiram-se duas comunicações

subordinadas ao tema "Actividade cerebral", que contaram com a presença de dois convidados ilustres. Maria Assunção Vaz Pato foi a primeira a fazer a sua apresentação. Vaz Pato é assistente hospitalar de neurologia, exerce também as funções de neurologista no Centro Hospitalar Cova da Beira (CHCB) e é docente auxiliar convidada, na Faculdade de Medicina, da UBI. A sua apresentação foi relativa ao "Papel da Neurofisiologia nos estados alterados de consciência". A última comunicação estava reservada ao conceituado professor e investigador, Pinto da Costa. Este exerce a função de professor catedrático na Faculdade de Medicina no Porto, e trabalha no Instituto de Medicina Legal (IML). O tema sobre o qual debateram foram as ciências forenses, especificamente "Autopsia Psicológica" que segundo o médico "ajuda a desvendar a causa da morte, em caso de dúvidas que possam existir".